Dia 18 — São Félix de Cantalício, Capuchinho

São Félix, chamado de Cantalício do lugar de seu nascimento, nasceu no ano de 1513 [^1] numa pequena povoação do mesmo nome, pertencente ao território de Cittaducale, na província da Úmbria. Seus pais foram pobres, mas temerosos de Deus. Chamava-se seu pai Santo de Carato e sua mãe, Santa, ou porque foi este o verdadeiro nome dos dois, ou porque o mereceram por sua virtude e vida exemplar. Tendo logrado Félix ser filho de uns pais que se chamaram Santos, ele o foi quase desde o berço, tanto pela inocência batismal, que jamais perdeu, como por seu ardente amor de Deus e sua terna devoção à santíssima Virgem.

Por sua pobreza viu-se obrigado desde menino a guardar ovelhas no campo; e, gravando uma cruz no tronco de uma azinheira, punha-se de joelhos diante dela, rezava muitos rosários ao dia e não poucas vezes passava em oração uma parte da noite.

Logo que se sentiu com forças bastantes para cultivar a terra, pôs-se a servir a vários lavradores. Em casa de um destes amos, ouvindo ler em certo dia a vida dos santos e singularmente daqueles solitários que passaram toda a sua no deserto, entregues ao exercício da oração e da penitência, concebeu um aceso desejo de imitá-los; e, perguntando se havia ainda no mundo aquela espécie de homens extraordinários, responderam-lhe que, sem ir muito longe buscar esses homens mortos ao mundo e crucificados, encontraria na religião dos padres capuchinhos todos aqueles exemplos de virtude que se haviam feito admirar mais nestes santos anacoretas.

Não necessitou de mais informe. Voou logo ao convento de Cittaducale e pediu o santo hábito. O guardião, para provar sua vocação, fez-lhe uma horrorosa pintura da mortificação e da penitência que pedia a santa regra e, mostrando-lhe depois um crucifixo todo ensanguentado, acrescentou-lhe: «Este é o modelo a que deve conformar sua vida um capuchinho.» Tanto a vista daquele sangrento espetáculo como a instrução do fervoroso prelado traspassaram o coração do pretendente e, feito um mar de lágrimas, arrojou-se aos pés do padre guardião, pondo o céu por testemunha de que nem ia ali a outro fim nem aspirava a outra coisa que a uma vida de todo crucificada. Admirado o guardião de seu fervor, recebeu-o para frade leigo e enviou-o ao convento de Ascoli a fazer seu noviciado. Era então de vinte e oito anos, e desde o primeiro dia conheceram todos a que heroico grau de santidade havia de chegar logo aquele noviço.

Ainda não fazia mais que vinte anos que Deus havia suscitado em sua Igreja aquela nova reforma da ordem seráfica de São Francisco e já estava estendida por todo o universo, fazendo reviver os antigos prodígios de abnegação, de desnudez, de penitência e de humildade que se admiraram nos primeiros séculos. Já aqueles zelosos missionários, poderosos em obras e em palavras; já aqueles invariáveis defensores da fé, inimigos de toda novidade; já aqueles heróis da pobreza evangélica,

venerados nos povos e respeitados até dos mesmos inimigos da religião, edificavam então, como edificam hoje, todo o mundo cristão com seu fervor, com sua religiosa observância e com sua vida exemplar.

Em tal escola é fácil compreender os progressos que nosso santo faria na virtude. Assaltou-o no noviciado uma febrezinha lenta que por sua duração teria precisado os superiores a despedi-lo como inútil e sem forças para os penosos exercícios de seu estado, se as provas que havia dado de sua eminente santidade não tivessem podido prevalecer aos prudentes temores que se tinham de sua quebrantada saúde. Recobrada esta, enviaram-no ao convento de Roma com o ofício de esmoler, o que exerceu por espaço de quarenta anos com tanta edificação, com tanta modéstia, com tanto recolhimento interior, com tanta mortificação e com tanta humildade que na bula de sua beatificação se faz muito ampla menção das virtudes que exercitou neste ofício.

Os mais dissolutos continham-se à vista de sua afabilidade e de sua modéstia. Sua humilde e religiosa compostura, a virtude retratada em seu semblante, sua circunspecção e suas palavras faziam impressão nos corações e convertiam muitos obstinados pecadores. Saía pela cidade com os olhos baixos, com o rosário na mão, o coração em Deus e com um devoto silêncio. Algumas vezes dizia ao companheiro: «Bom ânimo, irmão; os olhos na terra, o espírito no céu e na mão o santíssimo rosário.» Era seu ofício pedir o pão e o vinho para a comunidade; e, quando voltava ao convento carregado de pão e com o vinho sobre seus ombros, costumava dizer com graça: «Entrei capuchinho com ânimo de não provar o pão nem o vinho em toda a minha vida, e Deus, para provar-me, quis fazer-me como dono de todo o vinho e de todo o pão que há em Roma.»

E era assim que aquela mesma abundância que introduzia Félix em seu convento só lhe servia a ele para aumentar o mérito de sua mortificação e de sua abstinência. Nem uma nem outra parece poder subir a mais alto ponto. Jamais condescendeu em coisa alguma com o gosto e com a inclinação de seus sentidos. Jejuava a pão e água as três quaresmas de seu seráfico pai São Francisco e não comia senão os pedaços de pão que deixavam os frades; sua cama era uma manta sobre um estrado, sua cabeceira um feixe de sarmentos, e o sono nunca passava de três horas; tomava cada noite três cruéis disciplinas e não tirava o cilício. Sendo seu ofício tão penoso, especialmente os últimos anos de sua vida, em que o corpo, debilitado com os trabalhos, extenuado com as penitências e consumido com as enfermidades, mal podia sustentar-se, nem por isso admitiu jamais o menor alívio. Achando-se um dia no palácio do cardeal de Santa Severina, protetor da ordem, disse o companheiro a Sua Eminência que mandasse a frei Félix descarregar a esmola que tinha sobre os ombros; e, perguntado Félix pelo cardeal que lhe parecia, respondeu: «Senhor, o soldado há de morrer com a espada na mão e o asno com a carga às costas»; acrescentando: «Não permita Deus que eu alivie jamais um corpo que só é de proveito para que se o mortifique.»

Sendo tão austero para consigo, era excessivamente brando e doce para com todos os demais; causando admiração que um homem por seu nascimento humilde e por sua criação rústico, pois afinal criou-se entre as ovelhas e os torrões, fosse de uns modos não só atentos, mas urbanos e cultos. Seu zelo era aceso, mas sempre moderado, prudente e humilde, sem traspassar jamais os limites de seu estado, corrigindo em tom de rogo e não com ar de aviso, conselho ou advertência. Teve notícia da má disposição em que estavam certos jovens; buscou-os, ajoelhou-se a seus pés e

disse-lhes com lágrimas nos olhos: «Irmãos meus, peço-vos por caridade que tenhais lástima de vossas almas»; palavras com que apagou o fogo de suas paixões e os converteu.

Era simples, mas não grosseiro; antes, em sua mesma simplicidade descobria-se delicadeza, gênio e bom gosto. Estando em casa de um magistrado a quem acabavam de presentear uma novilha, começou a mugir o animalzinho e, voltando-se frei Félix ao magistrado, disse-lhe sorrindo: «Sabe Vossa Senhoria o que quer este pobre animalzinho? Pois pede-lhe uma sentença favorável para o que lho presenteou.» Suas reflexões eram justas e sempre muito à alma. Mostrava-lhe um célebre advogado sua copiosa livraria, no meio da qual havia um devoto crucifixo; e, perguntando a frei Félix que lhe parecia daquela multidão de livros, respondeu: «Parece-me que todos estes livros só devem servir para estudar e entender bem este livro grande (assinalando o crucifixo), que é o compêndio da lei e deve ser a regra de nossa vida.»

Sabendo que num dia de carnaval concorria uma imensa multidão de gente à comédia, aceso em santo zelo, pediu ao padre Lupo, célebre pregador capuchinho, que o acompanhasse para dispersar aquela multidão. Deixou-se ver frei Félix com uma pesada cruz sobre os ombros e com uma caveira na mão, cujo espetáculo pôs em muda suspensão a todo o concurso; e o fervoroso sermão que pregou depois o padre Lupo moveu tanto a todos que, abandonado o teatro, não se voltou a falar de comédia em todo o carnaval.

Impôs-se uma lei de não olhar jamais o rosto a mulher alguma, e a guardou exatamente; sendo tão excessiva sua atenção em matéria de pureza que era dito comum que a natureza de frei Félix mais se parecia à dos anjos que à dos homens; tão grande era a mortificação de seus sentidos.

Mas sua virtude favorita foi a caridade com os pobres enfermos e com os envergonhados. Obtida licença de seus prelados para fazer-lhes todo o bem que pudesse, não só pedia esmola para seus frades, mas para os pobres envergonhados e enfermos, sendo poucos os de uma e outra classe que se escondiam às diligências de sua caridade. De dia visitava os pobres de Roma e à noite os enfermos da comunidade, acompanhando sempre suas visitas com alguma esmola ou com algum refresco. Mal havia donzela pobre que perigasse ou família honrada em urgente necessidade que não achasse recurso na caridade de Félix. Passava os domingos e os dias de festa nos hospitais, e todos os de Roma lhe deveram o suplemento do que faltou a suas rendas numa fome universal.

Sua ardente caridade com os pobres era filha do aceso amor de Deus que lhe abrasava as entranhas, não sendo fácil explicar a que grau chegou este seráfico amor. Tinha o de Jesus Cristo gravado no coração e por isso mal seu sacratíssimo nome lhe caía da boca, não o pronunciando jamais sem que se vissem seus olhos banhados em lágrimas de ternura. Todos os dias ajudava à primeira missa que se celebrava no convento com tanta devoção que a comunicava aos assistentes. Comungava nos primeiros anos três vezes por semana; mas nos quinze últimos de sua vida recebia a sagrada comunhão todos os dias e sempre tão cheio de fervor que mal podia pronunciar o *Confiteor Deo* pela abundância de lágrimas que derramava; fazendo-se nele tão ordinária esta devoção sensível que só pronunciar em sua presença o dulcíssimo nome de Jesus ou dizer-lhe somente: «Irmão frei Félix, *Deo gratias*», bastava para vê-lo inflamado e cheio de fogo o semblante.

Correspondia ao amor que tinha ao Filho o que professava a sua santíssima Mãe. Jejuava a pão e água todas as vésperas de suas festividades; aos sábados rezava-lhe o rosário inteiro e nos demais dias uma parte dele, mas sempre com tão devota ternura que muitas vezes se via obrigado a interrompê-lo. Chamavam-no o predileto da Virgem, de quem recebeu favores muito singulares.

Fazendo oração uma noite na igreja de seu convento, sentiu-se tão abrasado do divino amor que, levantando-se sem liberdade, correu apressado ao altar-mor, onde se venerava uma imagem da santíssima Virgem, e, sem atender mais que aos amorosos impulsos de seu aceso coração, pediu à Mãe de misericórdia que ao menos por um momento lhe permitisse imprimir os mais ternos e mais reverentes ósculos em seu dulcíssimo Filho. Ao ponto lhe apareceu a Virgem e pôs-lhe o Menino Jesus nos braços. Não é possível explicar nem os deliquios de amor nem a torrente de suavíssimas lágrimas que derramou nosso santo durante aquele êxtase maravilhoso. Com que ardor, com que ternura abraçaria, acariciaria, beijaria mil vezes a seu divino Salvador! Mas por fim era preciso restituir à mãe o preciosíssimo tesouro; fê-lo, mas foi eterna a impressão que fez em sua alma este singular favor, e com razão se escolheu depois como por seu emblema ou por divisa, como se vê em suas imagens e retratos.

A humildade e a obediência de Félix foram a um mesmo tempo efeito e prova de sua eminente santidade. Aniquilava-se, por assim dizer, diante de seus prelados e de qualquer sacerdote; e, perguntado por que fazia aqueles excessos de abatimento, só respondia: «Vós sois sacerdotes do Altíssimo e eu um pobre irmão leigo.» Quando voltava ao convento depois de pedir esmola, seu maior gosto era empregar-se nos mais baixos e mais penosos ofícios da casa. Sendo em Roma universalmente reconhecido por santo, honrado do povo, dos príncipes, dos cardeais e até dos mesmos papas, ele formava tão baixo conceito de si que não acertava a compreender como o toleravam dentro da religião. Era cega sua obediência, e para ele qualquer insinuação do superior era um decreto.

Perto do fim de sua vida provou-o o Senhor com cruéis dores cólicas, para purificar sua virtude e para aumentar seus merecimentos. Quanto mais vivas eram as dores, mais sereno, mais apacível e mais risonho se manifestava seu semblante. Disse-lhe um dia o médico que, pois havia curado a tantos com o dulcíssimo nome de Jesus, por que não se valia deste mesmo dulcíssimo nome, ainda que não fosse mais que para mitigar em algo a força de suas dores. Respondeu-lhe o santo: «Porque é muito meu amor-próprio e não tenho valor para privar-me do que é todo o meu gosto e consolo.»

Mas, enfim, querendo Deus pôr termo a seus trabalhos e coroar seus merecimentos, revelou-lhe o dia de sua morte; e o santo se dispôs para ela com tão visíveis aumentos de devoção, de fervor e de ternura que todos compreenderam que tinha notícia certa de sua postrema hora. Caiu enfermo no último dia de abril e, ainda que mal podia mover-se, foi mister uma ordem expressa para que não fosse arrastando-se à igreja muitas vezes ao dia. Dezoito durou sua enfermidade, que foi uma oração contínua. Logo que recebeu os sacramentos, ficou como alheado numa espécie de êxtase; os olhos cravados num objeto que só ele via, seus ímpetos de amor e de alegria e seus braços estendidos para o mesmo objeto, tudo denotava alguma coisa muito extraordinária que se passava em sua alma. Um irmão que o assistia, que se chamava frei Urbano, perguntou-lhe o que era que via. «Pois quê, respondeu-lhe Félix, não vês minha querida mãe, a santíssima Virgem,

acompanhada de tantos anjos que me enchem de gozo e de consolo?» Um quarto de hora depois voltou a si e, advertindo que antes devia de haver falado algo, suplicou ao guardião que o deixassem só. Enfim, no dia 18 de maio do ano de 1587, e aos 72 de sua idade, quase sem haver entrado na agonia, deixou a terra para ir receber no céu a coroa de seus trabalhos e virtudes.

Logo que se publicou em Roma sua morte, correu toda a cidade ao convento, apressando-se cada um por beijar o santo cadáver e por lograr alguma de suas relíquias. Os muitos milagres que obrou em vida e os que fez Deus por sua intercessão depois de morto granjearam-lhe logo a veneração do público. O papa Sisto V, em cujo pontificado morreu São Félix, prometia testificar com seu mesmo testemunho dezoito, e quis ele mesmo beatificá-lo, mas não teve tempo para fazê-lo. Paulo V mandou trabalhar no processo de sua beatificação, e Urbano VIII fez a cerimônia, beatificando-o solenemente no ano de 1625 e permitindo seu rezo a toda a religião dos capuchinhos. Finalmente, no ano de 1712, o papa Clemente XI o canonizou, sendo celebrada em toda a cristandade esta canonização com extraordinária devoção e magnificência.

Martirológio Romano

Em Camerino, São Venâncio, mártir, que à idade de quinze anos terminou com uma gloriosa morte os combates que havia sustentado por Jesus Cristo, tendo sido decapitado com outros dez companheiros seus no tempo do imperador Décio e do presidente Antíoco.

No Egito, São Dióscoro, leitor, contra o qual exerceu o governador todo gênero de crueldades até arrancar-lhe as unhas e queimar-lhe com tochas os costados, em cuja execução, tendo aparecido de repente uma luz do céu, atemorizados os carrascos, caíram em terra; por último, tendo-o queimado com chapas acesas, consumou seu martírio.

Em Espoleto, São Félix, bispo, que alcançou a palma do martírio no tempo do imperador Maximiano.

No Egito, São Potamão, bispo, que, tendo já confessado a fé no tempo de Maximiano Galério, foi honrado com a coroa do martírio no império de Constâncio sob o presidente Filágrio, ariano.

Em Ancira, na Galácia, São Teódoto, mártir, e as santas Tecusa, sua tia, Alexandra, Cláudia, Faina, Eufrásia, Matrona e Julita, virgens, entregues pelo presidente a jovens atrevidos, mas preservadas de todo mal pela graça de Deus; em seguida foram submergidas num lago com uma pedra ao pescoço. A Teódoto, por haver recolhido e enterrado as relíquias destas santas, mandou o juiz prendê-lo e açoitá-lo cruelmente; por último, atravessado com uma espada, recebeu a coroa do martírio.

Em Upsala, na Suécia, Santo Érico, rei e mártir.

Em Roma, São Félix, confessor, da ordem dos Capuchinhos, ilustre por sua caridade e simplicidade evangélica, a quem o papa Clemente XI pôs no catálogo dos santos.

Missa (oração)

A missa é do comum de confessor não pontífice, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Adesto, Domine, supplicationibus nostris, quas in beati Felicis confessoris tui solemnitate deferimus; ut qui nostræ justitiæ fiduciam non habemus, ejus qui tibi placuit precibus adjuvemur. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Atendei, Senhor, benigno às súplicas que vos fazemos na festividade do bem-aventurado Félix, vosso confessor, para que consigamos por sua intercessão o que não nos atrevemos a esperar de nossos merecimentos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 3 de São Paulo aos Filipenses.

Filipenses 3,7-12

> **Latim:** 7 Sed quæ mihi fuerunt lucra, hæc arbitratus sum propter Christum detrimenta. 8 Verumtamen existimo omnia detrimentum esse propter eminentem scientiam Jesu Christi Domini mei : propter quem omnia detrimentum feci, et arbitror ut stercora, ut Christum lucrifaciam, 9 et inveniar in illo non habens meam justitiam, quæ ex lege est, sed illam, quæ ex fide est Christi Jesu : quæ ex Deo est justitia in fide, 10 ad cognoscendum illum, et virtutem resurrectionis ejus, et societatem passionum illius : configuratus morti ejus : 11 si quo modo occurram ad resurrectionem, quæ est ex mortuis : 12 non quod jam acceperim, aut jam perfectus sim : sequor autem, si quomodo comprehendam in quo et comprehensus sum a Christo Jesu.

Português: 7 Porém as cousas que me forão lucro, as reputei como perdas por Christo. 8 E na verdade tudo tenho por perda, pelo eminente conhecimento de Jesu Christo meu Senhor: pelo qual tudo tenho perdido, e o avalio por esterco, com tanto que ganhe a Christo, 9 e que seja achado nelle, não tendo a minha justiça, que vem da lei, senão aquella que nasce da fé em Jesu Christo: a justiça que vem de Deos pela fé, 10 para conhecello a elle, e a virtude da sua resurreição, e a communicação das suas afflições: tendo-me conformado a elle na sua morte: 11 por ver se de alguna maneira posso chegar a resurreição, que he dos mortos. 12 Não que a tenha eu já

alcançado, ou que seja já perfeito : mas eu prosigo, para ver se de algum modo poderei alcançar aquillo para o que eu tambem fui tomado por Jesu Christo.

Nota

«Bem sabido é que os cristãos de Filipos na Macedônia, tendo dado em muitas ocasiões a São Paulo provas de seu afeto e de sua liberalidade, deram-lhe novas mostras de sua caridade logo que souberam que estava preso em Roma. Enviaram-lhe Epafrodito, seu bispo, e na volta deste escreveu-lhes São Paulo esta admirável carta, na qual dá muito salutares e importantes instruções.»

Reflexões

Em comparação da eminente ciência, que consiste em conhecer bem a Jesus Cristo, todas as demais me parecem ignorância: *Existimo omnia detrimentum esse, propter eminentem scientiam Jesu Christi Domini mei.* Esta é a linguagem de todos os santos, e este foi sempre seu verdadeiro ditame; é porventura também o nosso? Mas os santos professaram acaso uma religião distinta da que nós professamos ou aprenderam diferente doutrina? E, sendo nossas máximas tão opostas às suas, seguindo nós uma prática tão contrária ao espírito e aos princípios do Evangelho, podemos dizer com verdade que professamos a mesma religião que eles professaram? Não há coisa mais monstruosa, ou por melhor dizer mais irracional, que o sistema que em ponto de religião forjam as gentes do mundo. Querem ser tidos por cristãos e assim admitem todos os princípios da fé e reconhecem as verdades do cristianismo; mas, chegando à moral, a de Jesus Cristo os alvoroça; não há que pensar em que se arranjem ao que prescreve o Evangelho; a regra de seus costumes há de ser o impulso de suas paixões. *Renunciei a todas as coisas,* diz São Paulo, *e todas elas as estimei por lixo, só por ganhar a Jesus Cristo.* Com efeito, de que lhe serve ao homem ganhar todo o mundo se perde a Jesus Cristo, pois perdendo-o se perde a si mesmo? Que coisa poderá admitir em troca por sua alma? Compreende-se hoje em dia esta verdade? Dá-se-lhe crédito? Que ideia se forma hoje no mundo disto que se chama fortuna, herança, dignidades? Que virtude resiste à prova do interesse, sobretudo quando se nasceu nos braços da pobreza? E até os que nasceram nos da abundância são acaso mais desinteressados? Faz-se grande apreço da eminente ciência de Jesus Cristo quando se faz tão pouco de sua lei e de suas máximas? Oh, e que enorme diversidade de proceder, de conceber e de portar-se se costuma observar talvez entre duas irmãs, entre dois irmãos! Um vai sepultar-se vivo num claustro, porque o amor de Jesus Cristo o faz reputar por desgraças as aparentes felicidades que logra; outro brilha no mundo, sobressai nas concorrências, é como a alma de todas as diversões; não acha gosto senão no que satisfaz os sentidos, só estima o que fomenta a concupiscência e considera que não há mais ventura nem mais felicidade que a dos bens temporais. Nem todos hão de ser religiosos, dizem eles; é assim; mas todos devem ser cristãos, isto é, todos devem levar uma vida pura, exemplar e mortificada; os estados da vida são diferentes, mas a regra geral de costumes é uma mesma. As perniciosas máximas do mundo não

estão menos proibidas aos que fazem profissão de discípulos de Cristo no século que aos que o servem no claustro. Não há mais que uma religião verdadeira: logo não pode haver mais que uma verdadeira doutrina. Todo sistema de honestidade, de razão e de virtude que não é conforme com o Evangelho é ilusão que deve causar lástima.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas.

Lucas 12,32-34

> **Latim:** 32 Nolite timere pusillus grex, quia complacuit Patri vestro dare vobis regnum. 33 Vendite quæ possidetis, et date eleemosynam. Facite vobis sacculos, qui non veterascunt, thesaurum non deficientem in cælis : quo fur non appropriat, neque tinea corrumpit. 34 Ubi enim thesaurus vester est, ibi et cor vestrum erit.

Português: 32 Não temais, ó pequenino rebanho, pois que foi do agrado de vosso Pai dar-vos o seu reino. 33 Vendei o que possuis, e dai-o em esmolas. Provei-vos de bolsas, que se não gastão com o tempo, ajun- tai nos ceos hum thesouro, que não acaba: aonde não chega o ladrão, e ao qual não rée a traça. 34 Porque onde está o vosso the- souro, ahi estará tambem o vosso coração.

Meditação

Do pequeno número dos que se salvam

Primeiro ponto

Considera que em todas as idades, em todos os tempos foi pequeno o rebanho dos escolhidos de Deus. Que era uma família composta de só oito pessoas comparadas com todos os habitantes do universo? Contudo, esta só família escapou das águas do dilúvio. Daquelas cinco grandes cidades, a só três ou quatro pessoas perdoou o fogo do céu. Por espaço de muitos séculos não foi Deus conhecido nem adorado senão num canto da terra. Depois estendeu-se por todo o universo a religião cristã: mas quantos hereges há! E até entre os católicos, aqueles a quem aprouve ao Pai das misericórdias conceder o reino formam porventura um grande rebanho? Que te parece, serão muitos os que se salvam?

Não há mais que dois caminhos para o céu: a inocência e a penitência. O número daquelas almas puras que jamais foram manchadas com o pecado mortal; o daquelas almas privilegiadas que conservaram toda a sua vida a inocência do batismo, parece-te que é muito crescido? E o daquelas que depois de haver perdido a inocência voltaram à graça por meio da penitência salutar, julgas que é muito grande? A corrupção de costumes derramou-se por todas as idades e por todos os estados, o pecado inunda toda a terra: e há nela muitos penitentes verdadeiros? Há muitos entre os grandes do mundo, em quem tão frequentemente reina o vício com segurança e com esplendor? Há muitos entre as senhoras de alta classe, que só ao nome de penitência estremecem, se algumas já não zombam dela? Há muitos entre a gente de espada ou de letras, que com tanta facilidade costumam dispensar-se nas leis mais universais da Igreja? Há muitos entre essas pessoas de alguma distinção que até no sagrado tribunal da penitência querem que se contemporize com elas? Há muitos, enfim, entre o ínfimo povo, para o qual a penitência verdadeira é um fruto ignorado e desconhecido?

Toda carne corrompeu seus caminhos. Pois onde estão os jejuns, onde a maceração do corpo, onde as lágrimas? Um só pecado mortal destrói num momento todo o mérito da mais longa e da mais santa vida, se a morte acompanha o pecado. Vive-se hoje em dia com grande inocência? Quantos pecados ocultos! Quantos na juventude que mal se conhecem! Quantos graves que se reputam por ligeiros! Ó Deus, e que grande é o número dos pecadores! Ninguém está seguro de sua penitência: pois concluamos daqui se será grande o número dos que se salvam.

Nestes desgraçados tempos, contanto que se observem certas aparências de religião, certas exterioridades de virtude, não sei que decência ou circunspecção exterior, cada um forma seu particular sistema de consciência, a cujo abrigo vive tranquilo quanto ao negócio da salvação. Mas ignoramos acaso que os hereges também formam seu sistema e que são muito mais observantes de certas cerimônias que nós? Com tudo isso cremos (e assim devemos crê-lo) que se perdem sem remédio, não obstante sua imaginária honestidade de vida, sua circunspecção e seu afetado regramento de costumes. Pois em que revelação ou em que novo evangelho fundamos nossa temerária segurança ou essa louca confiança que presumimos ter de nossa salvação? Dirás que tu tens a ventura de viver na religião verdadeira e os outros a desgraça de haver-se extraviado. É verdade; mas dize-me: que é menos mau, não crer quase nada do que se deve fazer ou não fazer quase nada do que se crê?

Segundo ponto

Considera que entre todas as verdades de nossa religião nenhuma há mais espantosa, mas talvez tampouco haja outra mais sensivelmente provada que esta. Consulta a sagrada Escritura: profecias, exemplos, figuras, tudo prova que são poucos os que se salvam. Consulta o mesmo Jesus Cristo. Que coisa mais clara nem mais precisa, qual mais terrível que o que diz deste pequeno número? *Pauci vero electi.* Verdade que igualmente persuadem a razão e a experiência; verdade formidável, mas em meio disso nos move muito esta verdade?

Ainda quando fosse certo que de dez mil pessoas só uma se havia de condenar, devia eu estremecer e temer que fosse eu essa pessoa desditosa. Ah, que de dez mil talvez não se salvará

nem sequer uma! E vivo com repouso! E nada temo! Este mesmo não temer é sinal certo de que devo temer mais. Minha segurança neste ponto só pode ser efeito de meu erro e de minha cegueira, que, ocultando-me o perigo, me distraem de preveni-lo e de evitá-lo.

Coisa estranha! Introduza-se no país uma enfermidade contagiosa: todos temem, todos correm aos preservativos, ainda que nem todos hajam de morrer do contágio. Corra a notícia de que naufragou um navio sem exprimir-se qual é: quantos se sobressaltam! Ainda que haja dez mil navios mercantes no mar, a todos os comerciantes assusta a confusa notícia do naufrágio de um só. Sabemos que de todos os que hoje navegam pelo mundo muito poucos hão de chegar ao porto da salvação eterna; sabemos que a maior parte há de naufragar miseravelmente. Quem me disse a mim que não hei de ser eu do número destes infelizes?

Se o Filho de Deus tivesse dito que se haviam de salvar todos os cristãos, e o houvesse dito tão expressamente como afirmou que era pequeno o número dos eleitos, poderíamos viver com maior segurança da que vivemos sobre o negócio de nossa salvação eterna? Convimos em que tudo está cheio de escolhos, em que estamos em grande perigo de perder-nos, e com tudo isso vivemos tranquilos. Quem nos deu esta segurança? Acaso temos menos que temer, por isso mesmo que estamos menos prevenidos? Por haver sido menos cautos, menos prudentes, menos discretos, seremos menos desditosos se nos condenamos?

Ah! Que, quando não tivéssemos outro motivo para temer senão esta fatal segurança, esta insensibilidade estranha com que vivemos, ela só seria sobrada causa para fazer-nos tremer por nossa sorte. Mas não se pensa nisto. Pois em que se pensa quando não se pensa na eternidade? Acaso não a cremos? E, se se crê, como não se teme? E, se se teme, como se pode deixar de pensar nela?

É verdade, Senhor, que até a hora presente segui a multidão, andei pelo caminho largo; mas, meu Deus, muito resolvido estou a caminhar desde hoje em diante pelo estreito, para ser do pequeno número dos eleitos. Ainda que não se houvesse de salvar mais que um só dos que hoje vivem, confio tanto em vossa divina graça e vou dar princípio a uma vida tal que espero ser eu esse só.

Jaculatórias

> *Tuus sum ego, salvum me fac.* Sl 118.

Vosso sou, Senhor, salvai-me.

> *Salvum fac servum tuum, Deus meus, sperantem in te.* Sl 85.

Deus meu, salvai vosso servo, que confia em vós.

Propósitos

1. *Não queiras temer, pequena grei, porque aprouve a teu Pai dar-te o reino celestial,* diz o Salvador do mundo [^2]. A turba e a multidão não logram esta ventura: por quê? Porque, como o caminho que conduz à vida é tão estreito, não encontram com a entrada, e assim há poucos que entrem por ele [^3]; mas o caminho que conduz à perdição é espaçoso, e assim são inumeráveis os que entram por ele. Faze profissão de ser do rebanho pequenino, do número dos poucos no que respeita à doutrina e à perfeição cristã. São poucos os que em sua conduta se governam pelas máximas de Jesus Cristo, enquanto se atropela a multidão dos que seguem as máximas do mundo. São poucos os que professam uma verdadeira devoção; resolve-te desde logo a aumentar este pequeno número. Ainda dentro das comunidades religiosas distinguem-se facilmente os observantes e os fervorosos, podendo-se assegurar que o número destes nem sempre é o maior. Desde hoje em diante põe todo o teu cuidado, todo o teu estudo e coloca toda a tua glória em ser do pequeno número, visto que a ele está prometido o reino dos céus.

2. Em matéria de reforma, as resoluções e os propósitos sempre hão de ser práticos. Começa desde este instante moderando certas galas demasiadamente mundanas; priva-te de certas diversões pouco regradas à religião, de certos móveis ou supérfluos ou menos conformes a teu estado, a teus votos e a tuas regras, se és religioso. Guarda-te bem de acovardar-te pelas irreligiosas censuras dos imperfeitos e dos relaxados e muito mais de envergonhar-te de tua reforma. Já não serás da moda, já não se lembrarão de ti para que tomes parte nas diversões, já não serás do gosto do mundo; mas que importa se és do gosto de Jesus Cristo? Não dilates para amanhã esta declaração de tua nova vida e de teu fervor; antes desde hoje mesmo alista-te na pequena grei, para a qual está reservado o reino dos céus.

[^1]: O OCR traz «1o13»; lê-se 1513. No início do texto aparecem ainda, deslocadas, as notas «(1) Matth. 11. — (2) Proverb. 0.», que pertencem ao dia 17 (ver as notas 7 e 8 daquele dia). [^2]: Lc 12,32. A chamada «(1)» consta do original, mas o texto da nota não aparece no OCR; a referência foi deduzida do texto citado. [^3]: Mt 7,14. A chamada «(2)» consta do original, mas o texto da nota não aparece no OCR; a referência foi deduzida do texto citado.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:48:19 by Admin
Updated 20 November 2026 20:48:19 by Admin